ANAIS
25° SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
EDITORA FUNDARTE

A reflexão sobre condição feminina em sala de aula: o sentido da pesquisa

Paulo Gaiger[1]
Prof. Dr. do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Resumo: Gênero e Teatro: processos artístico-sociológicos é uma das linhas de pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Processos Criativos em Artes Cênicas (GEPPAC), da UFPel. Foi criado especialmente pela urgência em trazer para o âmbito acadêmico, quer seja na sala de aula, na cena, nas publicações, o tema de Gênero ou, em outras palavras, da condição feminina, de suas razões históricas, culturais e religiosas que atravessam a compleição e condutas de mulheres e homens. Como parte fundamental, o teatro conforma um dos pilares juntamente com a investigação histórica, das políticas públicas para as mulheres e do lugar que o tema alcança na educação, isto é, nas escolas superiores, de ensino fundamental e médio. Concorrem, dentro do processo, dois eixos interdependentes e complementares: por um lado, o levantamento bibliográfico, teatral, a discussão teórica e política e, por outro, a composição plástica ou montagem, o treinamento e a transposição do texto teatral escolhido para as realidades históricas e regionais. O grupo realizou, como parte da pesquisa, intervenções cênicas sobre a condição feminina nos espaços urbanos e acadêmicos, bem como, participou de diversos seminários. Esta comunicação traz um recorte do trabalho acentuando que a pesquisa somente adquire sentido à medida de sua comunhão, troca e inter-relação com os espaços de educação e da comunidade. Sobretudo, avigora a importância da reflexão sobre gênero e a condição feminina em todos os espaços de educação propondo alternativa de descristianização da escola e das relações sociais.

Palavras-chave: Gênero; arte-educação; religião.

O Brasil, durante muitos anos, foi considerado o país mais católico das Américas e, talvez, de grande parte do mundo. De fato, uma visita à história, revela o quanto da igreja católica foi semeado e colhido em terras brasileiras ao longo de mais de quinhentos anos, introjetando valores, comportamentos, visão de mundo, desejos, regras na compleição e definição do povo brasileiro. Contudo, são sobre as mulheres e os pobres que recaem em fluxo constante as pregações e as verdades incontestáveis da fé em forma de repressão e controle do corpo, do que estão autorizadas a ver, fazer e pensar.

A discriminação e o preconceito contra a mulher, frequentemente são justificados como parte da natureza humana e dos desígnios de deus. Culpa-se a

[1] Prof. Dr. do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Integrante do Grupo de Pesquisa D'GENERUS: Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero, da Universidade Federal de Pelotas; Coordenador da Linha de Pesquisa Gênero e Teatro: processos artístico-sociológicos do GEPPAC (Grupo de estudos e pesquisa sobre processos criativos em artes cênicas – Cearte/UFPel; coordenador do Colegiado do Curso de Teatro – Licenciatura da UFPel; cantor, ator e diretor teatral. Email: paulogaiger@hotmail.com.

natureza pela sina e justificam-se a iniquidade e o tolhimento na palavra de um psicopata fantasmal e divinizado, gravada por perversos reais no torá, na bíblia e no alcorão. As três confissões monoteístas são hábeis nas artes do despotismo e do embuste, especialmente quando se trata de justiça e de mulheres.

As consequências da falocracia divinizada são visíveis, daninhas e revelam a miséria humana oculta detrás dos discursos machistas e ontológicos representados na família, na escola, nas igrejas e no Estado, instituições eficazes de convencimento e preservação do sentido natural e deificado da iniquidade. A introjeção da cultura de perpetuação de estados de bestialidade.

Nestas duas primeiras décadas do século XXI, ao contrário do que se supunha em razão dos avanços tecnológicos, da globalização, dos movimentos sociais e dos espaços públicos e privados conquistados por mulheres, foi o crescimento e o alastramento de diversas igrejas cristãs neopentecostais e fundamentalistas. O que todas têm em comum, são os discursos coercitivos que visam à imobilidade e o retorno das mulheres a um estado de sujeição e emudecimento. A elas, novamente, é atribuído o perigo de todos os vícios desviantes, considerando, obviamente, que as virtudes estão do outro lado, daqueles que assim determinam, isto é, dos homens que representam o poder divino: “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio” (I Timóteo 2:11-12). Segundo os cristãos e a bíblia, deus criou primeiramente Adão, o varão. Portanto, a escritura legitima o papel subalterno das mulheres pela mão do criador. Ainda que atualmente algumas mulheres possam ser pastoras e conduzir os ministérios pastorais, a linguagem e as mensagens dogmáticas da fé tendem a reforçar a condição de sujeição e os mecanismos de repressão.

A partir da ideia incubada de que a bílblia é sagrada porque é a palavra de deus, todas as mensagens que advém dela adquirem o peso de verdade inquestionável. Dela ninguém pode duvidar sob pena da condenação aos infernos no dia do grande tribunal e juízo final. O medo é uma das artimanhas de dominação. Especialmente, quando a infância se perpetua na vida adulta renovando a crença em um psicopata fantasmal e divinizado.

A repressão e o controle começam e se dão pelo constrangimento e condenação do corpo e da sexualidade, numa imagem sagrada de inferioridade e inaptidão. As mulheres são responsáveis pelo incitamento do desejo sexual, da luxúria e do pecado. Por isso, devem ser afastadas o quanto necessário dos espaços públicos, do leito conjugal e cobertas com vestes para não colocarem em perigo a retidão e a fé dos homens, "porque seu corpo não manifesta nem a imagem nem a glória de Deus"[2].

Esta breve análise poderia soar sem sentido, como um conjunto que se debruça sobre um fenômeno deslocado das realidades históricas, sociais, políticas e culturais contemporâneas. A questão que desassossega se refere ao fato de que as igrejas cristãs, em particular no Brasil, de fato, vêm se multiplicando e tomando assento, inclusive, nos fóruns legislativos, ou seja, nas câmaras de vereadores municipais, assembleias legislativas estaduais, congresso e senado federais, lugares onde se criam as normas e leis que regem uma nação. Não raro, os poderes executivos, especialmente das pequenas cidades, estão sob a mão de algum pastor. Assim, democraticamente, através de eleições, vão transformando os espaços laicos e de pensamento, em templos de controle e fé.

A força das bancadas cristãs conseguiu afastar os temas de gênero e sexualidade das escolas públicas de várias regiões do país. Da mesma forma, conseguiu a alteração do estatuto da família, regressando a tempos de obscuridade. Trabalhando em conjunto com representações das forças da indústria bélica, do agronegócio e da propriedade da terra, a chamada bancada BBB, da bala, do boi e da bíblia, vem se opondo aos avanços sociais e querendo (re)cristianizar o Brasil. Não somente através de uma nova legislação repressora e controladora, mas também através de eventos midiáticos de grande aceitação e participação popular: a marcha "Pela família e pelo Brasil"; o lema "O Brasil é de Jesus".

Como um contrassenso que apenas pode ser justificado por uma visão política pragmática e torpe, a inauguração, em 2014, do Templo de Salomão, da Igreja Universal, um dos empreendimentos religiosos mais lucrativos e poderosos, contou

[2] Chauí, p. 98, 1987.

com a presença da presidente da república, Dilma Rousseff, do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin e do prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad, entre outras tantas autoridades. Há poucos meses, uma revista de grande circulação se referiu à esposa do então presidente interino, Michel Temer, como um exemplo de mulher: a mulher bela, recatada e do lar. Quando em 2011, em seu primeiro mandato, Dilma Rousseff decidiu-se por não receber a Nobel da Paz, Shirin Ebadi, militante iraniana dos direitos humanos, para não comprometer as relações econômicas com o tirano Mahmoud Ahmadinejad, escreveu, simbolicamente, que a ignomínia não tem limites quando os interesses de manutenção do poder subjugam os direitos humanos e a liberdade.

No entanto, o mais preocupante, como já aludido, é a invasão das periferias e bairros de classe média baixa, por templos evangélicos de todas as possíveis confissões e finalidades. Todos lucram e têm por objetivo principal, o controle e a sujeição das mulheres através do temor a deus.

Na Pelotas de fins do século XIX, como herança de gerações anteriores e como berço de décadas por vir, as mulheres eram consideradas seres sensíveis e dóceis, regradas e submissas e os homens como naturalmente dotados de poder de decisão, de capacidades administrativas e com maior necessidade de prazer sexual. A Frenologia, pseudociência que conquistou a medicina do século XIX, trouxe à superfície absurdos que foram ao encontro da afirmação andocêntrica, racista e religiosa e, por consequência, da inferioridade natural das mulheres e dos negros. Quanto às mulheres, os pseudocientistas afirmaram que nelas predominavam as “faculdades afetivas” e nos homens, “as intelectuais”. Não é novidade, porque na Grécia Clássica de mais de dois mil anos atrás, era esse o pensamento.

Nesse mapa de contornos e paisagens cinza, que espaços os movimentos sociais de empoderamento e emancipação das mulheres poderão ter? Que sentido alcançará o discurso de direitos humanos em uma nação de crentes entorpecidos pela homilia religiosa? Como obstar e desconstruir a imagem fantasmal de onipresença, oniciência e todo-poder de um deus vigilante e aterrorizante que preenche todas as horas de todos os dias e noites? Nesse sentido, como os processos de educação

formal ou informal podem provocar a reflexão sobre estas realidades? Como as artes e o teatro, em particular, podem gerar a discussão mais fecunda sobre o pensamento que se pensa e a conduta?

A universidade tem um papel fundamental e necessariamente transformador. Ela tem que perceber o ser humano em todas as suas expressões e potencialidades, em um caminho de devir, de se estar sendo todos os dias. Isto é, do trabalho, da inteligência, do afeto, da política, do amor, do jogo, do sexo, da solidão, do respeito, do conflito, do ócio, da coletividade, da diferença, da preguiça, da individualidade, do conhecimento, da transcendência e da arte. O tripé ensino, pesquisa e extensão, comum ao menos nas universidades públicas, somente adquire sentido no sentido de seu compartilhamento e trocas com as diferentes comunidades.

No entanto, se pode observar que o desinteresse da comunidade acadêmica pelas artes é significativo, bem como, a reflexão sobre os temas de gênero e direitos humanos. O Brasil, infelizmente, é um dos países onde a população é muito pobre quando se fala de leitura de livros, de poesia e, inclusive, de periódicos. Não chegamos aos 5% os brasileiros que tem o costume de ler. O ensino fundamental e médio sofre a ausência das artes e do esforço para e leitura e, talvez, por isso, o país tenha um dos indicativos mais vergonhosos e baixos de rendimento escolar. Esta realidade invade os espaços universitários à medida que se percebe o número de estudantes que mal sabem ler e interpretar um texto.

A arte tem a força de resignificar a ação humana, de revelar as realidades ocultas, de provocar mudanças de visão de mundo e de sensibilização. Igualmente, de desenvolver a consciência estética e ética, conquista imprescindível para as decisões políticas e da justiça. A linha de pesquisa tomou, primeiramente, a trilogia de Garcia Lorca, como objeto para a reflexão e motivação para a cena do tema de gênero. “Identifica-se em sua obra, a provocação e a reflexão desestabilizadora de paisagens humanas recorrentes. Lorca desequilibra o mundo masculino acomodado e escorado nos costumes, na religião, na força e nas heranças, trazendo à luz e refletindo a sofreada pulsão feminina, de forma lírica, sensível e aguda. Represas que se rompem. As diferentes personagens/mulheres na trilogia “Bodas de sangue”,

"Yerma" e "A casa de Bernarda Alba", reveladas através de sua pena, nos trazem universos femininos retesados e velados pela ação da mão masculina. O poeta andaluz bebeu na fonte da experiência vivida, da terra onde pisavam seus pés, das histórias orais e tradições, das canções e bailes, das cercanias e povoados.

A mulher, em tempo de Lorca, vivia sob rígidos padrões e sob constante vigilância familiar e das demais instituições (igreja e estado) que lhe impediam construir sua individualidade, manifestar suas paixões e desejos, tomar decisões. A ela estava destinado um marido, a quem devia obediência, uma prole gigantesca, os cuidados domésticos e a mudez. Para dizer o mesmo, somente sob a tutela de um homem/macho, gerando e educando filhos para este, entregando-se à faina doméstica, observando os dias santos e as orações, uma mulher poderia se considerar realizada como mulher. Era tradição e é bíblico. Todavia, o feminino estava banido, a mulher em devir estava mutilada.

A tentativa de ruptura, em subverter a ordem masculina das coisas, em conquistar o direito de liberdade e emancipação se vê na trajetória das personagens "Noiva" (Bodas de Sangue), "Yerma" (Yerma) e "Adela" (A Casa de Bernarda Alba). As três estão "mortas em vida" e irão buscar a "vida na morte". Embora a "Noiva" e "Yerma" não morram ao final do drama, ao contrário de Adela, ambas encontram a morte simbólica e definitiva na destruição do "objeto" de suas pulsões vitais. O sonho que é interrompido e o pesadelo que cobra vida. A desobediência tem seu preço. A mulher em Lorca fala por todas as mulheres em condição semelhante de obliteração"[3].

A partir da construção de cenas apoiadas na discussão e estudo das condições das mulheres e da trilogia de Lorca, a linha de pesquisa realizou mostras em espaços acadêmicos e urbanos, com a intenção de provocar a reflexão sobre o tema de gênero. Um processo de pesquisa compartilhado que acolhe e percebe as diferentes realidades de cada comunidade e, sobretudo, a rejeição à proposta de reflexão sobre o tema de gênero e o empoderamento das mulheres. A descristianização, portanto,

[3] Parte deste artigo foi publicada nas anais da VIII Jornada Latino-Americana de Estudos Teatrais (Arte e invisibilidade: o feminino no teatro e no real - Autores: Daniele Almeida Pestano (Bolsista PBIP) e Paulo Gaiger (Prof. Dr. do CEARTE/UFPel). FURB, Blumenau, SC, 2014.

passa a ser um tema a ser considerado, sob pena de o Brasil viver os próximos anos tempos de obscurantismo e repressão das mulheres.

Referências

ACUÑA, Orlando Manotas. La mujer en la obra de García Lorca. Disponível em: <http://www.uniatlantico.edu.co/uatlantico/publicaciones/revista-chichamaya-no7>.

BARROS, Chalena de Arruda. *La mujer bajo la visión de Federico García Lorca y Pedro Almodóvar*. Trabalho de conclusão de curso. B277m. Graduação em Letras e Artes. CEDUC. Universidade da Paraíba. 21ed.CDD778.52. Paraíba, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *La dominación masculina*. Anagrama. Barcelona. España, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual. Essa nossa (des)conhecida*. 10ª edição. Brasiliense São Paulo. SP. Brasil, 1987.

DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. Editora Schwarcz. São Paulo. SP, Brasil, 2007.

GAIGER, Paulo. *Educar para vivir: reflexiones desde el ocio humanista, el arte y la corporeidad*. Tesina. Programa de Doctorado de Ocio y Potencial Humano del Instituto de Estudios de Ocio de la Universidad de Deusto. Bilbao. España, 2003-2004. 2005.

_____. Um ensaio sobre a corporeidade. In: *Revista Perfil,* pp. 95-102. Publicaçao do Programa de Pós-graduaçao em Ciencias do Movimento Humano Mestrado/Doutorado – Esef/Ufrgs – Ano IV Nº 4 – Brasil, 2/2000

GLUKSMANN, André. *O discurso do ódio*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. RJ. Brasil, 2007.

GREINER, Christine. *O corpo – pistas para estudos indisciplinares*. 2ª edição. Annablume. São Paulo. SP. Brasil, 2005.

HEINEMANN, Uta Ranke. *Eunucos pelo Reino de Deus.* Mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Editora Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro. RJ, 1996.

MAY, Rollo. *Minha busca de beleza*. Ed. Vozes. Petrópolis. RJ. Brasil, 1985.

PASSOS, Simone Aparecida dos. *Mulher, desejo e morte*: dramaturgia e sociedade no inseparável triângulo de García Lorca. Dissertação de Mestrado. P289m. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Uberlândia. CDU 860(091). Minas Gerais, 2009.

TELLO, Manuel Lineros. *La mujer en el teatro de Lorca*. Disponível em: <www.contraclave.org>.

TIBURI, Márcia. *Ético-política feminista*. Revista CULT. Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2015/07/etico-politica-feminista/. Acesso em: 2015.

UNICEF / ONU. *Estado Mundial de la Infancia. La mujer y la infancia*. Honduras, 2007.